

VIRGÍLIO PIRES – LULUCHA E TITINA

Sônia M.A de Queiroz¹

RESUMO: Este estudo tem por objetivo elucidar dois contos intitulados *Lulucha e Titina*, do cabo-verdiano Virgílio Avelino Pires, editada no nº 09 da Revista Claridade em 1960. Neste trabalho, longe de fazer juízo aos valores morais das personagens, queremos configurar os passos daquelas que em busca de ascensão parte para a emigração.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, emigração e prostituição.

ABSTRACT: *This study aims to elucidate two stories entitled Lulucha and Titina of Cape Verde Virgilio Avelino Pires published in number 9 of Clarity Magazine, em 1960. In this work, far from moral values to judge the characteres, we want to set those steps en seeking leave to rise for emigration.*

KEYWORDS: *Literature, immigration and prostitution*

Os contos do Santiaguense da cidade da Praia Virgílio Pires, intitulados *Lulucha e Titina*, ambos editados pela Revista Claridade, na edição do número 09 de 1960, e, portanto o último lançamento da revista, cuja importância é reconhecida até os dias de hoje.

A Revista Claridade foi inaugurada em 1936, na cidade do Mindelo, ilha de São Vicente, em Cabo Verde, marco importante para a literatura cabo-verdiana, seus fundadores foram Baltasar Lopes da Silva, Manuel Lopes, Jorge Barbosa, Osvaldo Alcântara, contando com os vários colaboradores em luta contra as intempéries e fugindo aos padrões literários europeus.

Os contos selecionados para a análise foram *Titina e Lulucha* de Virgílio Avelino Pires, apesar de os textos serem de autoria masculina, notamos seu engajamento político-social e cultural ao colocar em pauta a verdadeira condição da mulher cabo-verdiana, seus sonhos e expectativas perante uma terra inóspita, quase improdutiva, sem muito ou quase nada a oferecer, numa denúncia de emigração e prostituição.

¹ Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa - USP

Na ânsia de elaborar um trabalho de estudo específico sobre a mulher caboverdiana, estaremos reverenciando escritoras feministas cujas produções décadas mais tarde, vêm abranger o universo feminino em seu cotidiano. Vale sublinhar neste rol de mulheres escritoras, Orlanda Amarílis, Yvone Lara, Dina Salústio, Vera Duarte entre outras, das quais procuraremos em outro estudo explorar a escrita feminina, pois ao que concerne a visão da mulher na literatura, estas escritoras simbolizam a pedra basilar da questão do gênero nas escritas contemporâneas.

Antonio Candido disse certa vez *“Que através da idéia de sistema, procura-se apontar o surgimento das obras não como fenômeno pontual, expressão individual, mas como um evento de natureza sociológica, pois relacionado ao contexto social e ou ideológico em que a obra foi formada”* (Candido, Apontamentos, 2001).

Diante desta pronúncia, acreditamos ser plenamente pertinente, visto que se as dinâmicas psicológicas dos participantes do sistema social reconhecem os indivíduos e seus contextos, estando intimamente relacionados.

No caso das personagens femininas dos contos em estudo, foram e ainda são motivos de pesquisas sob ótica sociocultural e econômica do gênero.

Os escritores das décadas de 30/40 semearam em terras férteis suas produções como um manifesto em favor daquelas desprovidas de direitos, elas foram ganhando forças e espaços atingindo o patamar das quais se dispõem hoje. Todavia, a luta é contínua.

Se a literatura da década de 30/40, já denunciava a condição da mulher marginalizada, explorada pelo sistema patriarcal, vistas pela ótica de escritores do sexo masculino, numa visão apenas de expectador, mostrando-nos fatos concretos do cotidiano, a escrita feminista vem por em voga todas as sensibilidades e conflitos mais íntimos destas personagens, em uma hermenêutica das diferenças. Nas palavras de Odila Leite Dias *“Não há porque considerar a oposição, masculino-feminino tal como se apresenta hoje, com uma carga de definições culturais herdadas do passado, como se fosse necessária ou inata. O estudo das relações de gênero caminha no sentido de documentar as diferenças culturais de nuançá-las, de modo que um dia, eventualmente transformadas, possam se aproximar”*. (Dias, 1998, p.372)

A propósito deste enunciado não se configura oposição entre o binômio homem/mulher, os objetivos pretendidos por elas - escritoras feministas - seria o de aprofundamentos dos detalhes, na essência dos sentimentos, nas novas descobertas que venham a

legitimar seu cotidiano pactuando com elas das mesmas dores, dos mesmos sofrimentos, e de seus sonhos.

E as escritoras femininas atentas a pequenos detalhes em suas obras vão pouco a pouco se organizando, buscando espaço naquele que parecia intransponível mundo masculino.

Iniciando às análises dos contos Lulucha e Titina de Virgílio Pires, focaremos essencialmente sobre dois eixos temáticos: a prostituição fruto do meio social inserida e a emigração de igual teor socioeconômico.

Lulucha é narrado em terceira pessoa, pelo qual ficamos sabendo os fatos ocorridos com a personagem cujo nome corresponde ao título.

A princípio apresenta-se com singela ingenuidade com características de um conto infantil. O narrador que tudo sabe inclusive os sentimentos e medos de Lulucha relata a partida desta jovem, quase que imagneticamente descrevendo a princípio suas características psicológicas para em seguida descrevê-la fisicamente, cito: “Lulucha era contente. Estava sempre a sorrir. Tinha a boca grande, e quando ria os dentes muito brancos apareciam. Era boa para os meninos. É certo que às vezes aplicava ao Chico algumas sonoras palmadas...” (Pires, 1960, p. 497))

O baluarte do enredo implícito, do qual aguçá nossa reflexão, são as pistas deixadas pelo autor “*Quando Lulucha partiu, Pelada já tinha voltado com a ninhada... Daquela vez, quando Pelada voltou, vinda do monte de bredos que ficava atrás da casa, Pedrinho gritou: “São treze, Lulucha é que acertou”. Lulucha tinha partido. O pequeno calou-se e ficou a pensar na caminhoneta verde que se sumiu lá longe, na reta da Bolanha, e levou Lulucha para a Praia*” (Ibid, p.497).

Temos aqui referência à questão da emigração tão peculiar entre os cabo-verdianos. A partida de Lulucha para a Praia, situada na ilhas de Santiago, em buscas de novos horizontes, para a possível realização de seus sonhos. Tão característicos de igual importância para os cabo-verdianos, tem-se o conflito tão bem explorado pelos Claridosos “o partir ou ficar”, “A Hora di Bai”, o do quer ir e ter que ficar/ querer ficar e ter que ir, do qual faz parte da alma dos cabo-verdianos. Para os que ali permanecem restam-lhes as lembranças e a espera de tempos melhores.

Lulucha sonhava mesmo em ir conhecer a capital, as magias que ouvira dizer de lá, tudo lhe parecia poesia, a cidade maravilhosa, a praça que tocava música com cornetas, diferentes das gaitas as quais era acostumada a ouvir, “*As lojas eram deslumbrantes. Tinham toda a espécie de brinquedos.*

Carrinhos de corda, gaita, bolas, tambores , bicicletas, triciclos, balões (...) Lulucha dizia que, quando fosse à Praia, havia de trazer aos meninos muitas coisas.(...) (Ibid p. 498)

Neste conto, Virgílio Pires explora com maestria a oralidade dos cabo-verdianos, sua cultura, a reverência aos povos mais velhos, e não por acaso que ele insere a crença daquele povoado sobre uma senhora que vivia sozinha, conhecida por Nhâ Simoa. Esta senhora era velha e feia, diziam que era bruxa, mas Lulucha não á temia e quando em quando á insultava com uma cantiga em crioulo:

“Nhô S. Pedro câ nhô mata’ m Caela
Pamô Caela ê badjadêra fox”.

O preconceito sofrido pela velha nhá Simoa, que segundo os meninos simbolizava o mau-agouro, era tido como crença para eles. *“Diziam que era bruxa. Os meninos faziam figas e metiam a mão na algibeira para ela não ver. Acocorava-se a um canto do quintal, e se Lulucha cantava aquela cantiga: “Nhô S. Pedro câ nhô mata’m Caela / Pamô Caela ê badjadêra fox ela dizia: “Menina, abranda o brio do corpo...Rapariga nova pensa que o mundo lhe pertence...”Lulucha então respondia:”figas, nhá Simoa. A mim feiticeira não come.Tenho sangue amargo, fique sabendo”.* Acredito estarmos diante da sugestão de um tipo de história infantil, a qual a bruxa velha e má, pegava as crianças para comer, aproximando-se do folclore africano, remetendo-nos ao conceito de Propp, sobre o encantado.

Lulucha relata à velha sua pretensão de evasão, seu desejo de ir para a Praia, a velha, entretanto, a adverte: *“Menina, abranda o brio do corpo... Rapariga nova pensa que o mundo lhe pertence...Vais para a Praia? É melhor sentares num sítio! Rapariga nova...” (Ibid.p. 497)*

Neste enunciado temos a fidelidade das pistas deixadas, para que o leitor antecipe sua interpretação sobre o que se está transmitindo o conto, já sabemos que Lulucha almeja uma vida diferente daquela que possui. Considerando a época de sua publicação, permite-nos antever o destino que terá a personagem. Qual destino circunda Lulucha ao partir para a Praia?

Nas palavras “rapariga nova” seguida por reticências sugere que Lulucha não tem experiência, nem idade para seguir mundo a fora, sua inexperiência a prejudicaria em tomadas de decisões, e fatalmente cairia em armadilhas mundanas.

*“Muitos anos se passaram, e os meninos cresceram. Já não perguntavam:
_ Mambia, Lulucha não volta?”*

Um dia, Pedrinho encontrou Lulucha na Praia. Aquele belo sorriso tinha desaparecido.

Lulucha tinha agora um ar triste. Pedrinho não pôde ver nela a Lulucha dos seus tempos de menino. Ela parecia-se, no vestido curto e apertadi, no jeito, no falar com Minguinha, com Maria Zizinda. Ecas moravam na Ponta Belém. E Pedrinho perguntou, receoso:

_ Onde moras, Lulucha?

_ Moro... na Ponta Belém”.

_ Conheces Minguinha... Maria Zizinha?... (Ibid. p.501)

Com sabedoria a nhã Simoa antevia o futuro de Lulucha, menina podre, sem escolaridade, sem ofício, qual seria seu segmento profissional Iria atuar? Estando sozinha em uma cidade grande? Dá-se a profecia da senhora retentora das (bruxarias) das quais Lulucha se referia, entretanto não passava de sabedorias aprendidas pela vivência.

Temos a certeza da subjacente denúncia existente neste conto da prostituição que assolava os ideais e sonhos de centenas de jovens adolescentes cabo-verdianas.

No conto *Titina* igualmente publicado na Revista Claridade, como mencionado anteriormente, encontramos o narrador onisciente aquele que tudo sabe e sente, em relação ao personagem masculino.

O personagem masculino do qual o narrador dá voz, não possui nome, todavia sabe-se que ele era o companheiro de Titina, o que é característico de um texto cujo cunho é a denuncia do coletivo. A narrativa apresenta-se em flashes de memória, pois este relembra momentos de sua infância, lembrara-se do livro de história lido no passado: “*História do Arco da Velha*”, alusão às histórias infantis.

O personagem está situado num ambiente hostil, frio e sujo, abaixo da condição humana, descendo lentamente os degraus num indicativo de derrota, sua falta de dinheiro, no estado calamitoso do sapato furado, último gole da aguardente, e os lençóis sujos. Todos estes indicadores nos remetem à tomada de ciência, da condição miserável deste homem representante do seu coletivo. Sua única certeza é “*a fome do dia seguinte*”.

O espaço é pouco explorado, sabe-se apenas se tratar de São Tomé, o qual estava trabalhando na roça, serviço braçal por demais para ele que se considerava um artista marceneiro. Eis a emigração como tônica. Este personagem mais uma vez configura as emigrações entre as ilhas, e até mesmo para fora do continente.

Sabendo-se que Cabo Verde é o espaço coletivo das desventuras deste povo, não bastante, este espaço foi palco de desgosto qualificado, ou seja, remete ao local cuja ocorrência trouxe ainda mais amargor àquele sítio “*O sangue correrá, enchendo aquele chão amaldiçoado e as árvores cresceram cerradas, assombrando o lugar. Respirou o cheiro forte que o lugar exalava – cheiro de cemitério -, -pensou – e prosseguiu o seu caminho (...)*” (Pires, p.504)

Sente-se temeroso à morte, ali sozinho temendo ser enterrado como os indigentes famintos da Assistência.

Em relação ao conflito amoroso do personagem, temos as amarguras de um homem que nutriu o amor pela mulher errada, cujos objetivos se distanciava dos dele, sabia que não estariam ao seu alcance, ele era carpinteiro, tinha ofício, era um artista, mas obrigado a trabalhar na roça para o sustento.

Titina, personagem principal é representante de inúmeras moças cabo-verdianas que buscam ascensão social, fugindo da fome das míseras condições de vida, da seca cíclica, da pouca oportunidade ou quase nenhuma, de conhecer um gajo de posses que pudesse oferta-lhe uma vida com mais conforto.

Ela como tantas outras envoltas aos sonhos, partem nesta busca encontrando por vezes a facilidade de ingressar ingenuamente no caminho da prostituição, muitas vezes sem volta, pois presas a pessoas que se designavam seus protetores, os gigolôs, se veem à mercê da marginalidade e sem esperança para o regresso, como sonharam antes da partida.

As promessas de bons ganhos eram ilusórias encontrava-se na condição de escrava, porque eram de fato explorados. Retomamos aqui, a confirmação de tempos depois Cabo Verde redigir um documento “Estatuto” cuja finalidade era de conscientizar aqueles que se propunha a deixar sua terra natal em busca de melhores condições de vida, aventurando-se em solos desconhecidos.

Porém o artista carpinteiro não suportou o trabalho duro da lavoura “O trabalho da roça era duro. Carpinar mato não era trabalho para ele um marceneiro, um “artista”. Tudo por conta de Titina, que o arrastara para São Tomé. Porque ele não precisava deixar Cabo Verde, tinha sua profissão, que lhe dava para viver. Tinha também Titina. E Titina tudo queria e não sabia o que queria. (Ibid, p.505)

É comum a difusão da idéia de que a mulher é possuidora de um suposto poder de sedução, cujos elementos são capazes de transformar o homem em criatura passiva, irracional e

dependente, a sedução é uma forma extrema e ilimitada de obtenção do poder, que às vezes pode ser concretizada e duradoura, outras vezes, ao contrário, pode causar distanciamento e destruição. Fato constatado no personagem carpinteiro que caiu em desgraça ao ceder os caprichos e sonhos de Titina. Entre as idas e vindas Titina abandona o companheiro, que se entrega ao infortúnio por completo. Agora vive das lembranças deixadas, tudo que se lhe afigurava vinha de longe, como névoa desfilando em sua mente.

“Houve um tempo em que não bebia, mas desde então muitas coisas mudaram, como ele também. A própria Titina já não era a rapariga de outros tempos. A mulata de peitos opulentos de que tanto gostava e que tanto o fizera sofrer” (...) Titina dizia que homem mole não lhe servia. Ele não era mole, Titina é que o tornava mole. Mole e desavergonhado como um cachorro”. (Ibid, p.505)

Titina, uma mulher inconformada com sua condição social, desejosa de possuir bens materiais, parte para Dakar, Guiné e por fim a São Tomé. Neste momento encontramos uma ruptura em seu cotidiano, em São Tomé, Titina deu rumo à sua vida, se assumindo como prostituta recebendo e desfilando com os presentes que ganhava.

“Mas isto fora há muito tempo. Tudo tinha passado. Tudo mudara para pior. Depois do regresso de S.Tomé, Titina procurara sua vida. Conheceu outros homens, muitos outros. E a pouco e pouco se foram afastando” (Ibid, p.506)

Titina em Dakar se assume como prostituta, agora não pertencia a um homem só. “Mas o afastamento não lhe doeu muito, porque já tinha perdido Titina há muito tempo”.

Concluimos que esses contos estudados nos encaminham à reflexão da temática cujos protagonistas, são vítimas do contexto socioeconômico e cultural vivendo à margem de uma sociedade. Restando-lhes os sonhos de partir para a terra prometida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Maria Odília Leite da Silva. *Novas Subjetividades na Pesquisa Histórica Feminista: uma Hermenêutica das diferenças*. Publicações do Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos – CIEC. Últimos títulos. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

BACELAR, J. Afonso. *A Família da Prostituta*. Ed. Ática, 1982.

GOMES, Simone Caputo. *Uma Recuperação de Raiz: Cabo Verde na Obra de Daniel Felipe*. Tese – Instituto Caboversiano do Livro e Do Disco.- ICL. Departamento de Letras Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1979.

PIRES, Virgílio Avelino. *Lulucha In: Claridade nº 9, Antologia de ficção cabo-verdiana*. Ed. AEL – v. 2, Praia, 2001.

_____ *Titina In: Claridade nº 9, Antologia de ficção cabo-verdiana*. Ed. AEL – v. 2. Praia, 2001.